

## **Benjamim e as iluminações profanas surrealistas**

Daniel de Alvarenga Berbare, mestrando em Filosofia pela UFPel.

danpinda@hotmail.com

Jennyfer Paulla Galdino Chaves, graduanda em Medicina pela FURG.

jennyfergaldino@hotmail.com

### **RESUMO**

Este presente trabalho tem como escopo central analisar a leitura de Walter Benjamin sobre o movimento surrealista. Neste sentido, a fonte básica de pesquisa, como orientação teórico-metodológica, foi seu texto denominado: “*O surrealismo. O último instantâneo da inteligência europeia.*” A metodologia adotada na investigação foi a da pesquisa histórica de abordagem qualitativa. O objetivo geral desta pesquisa é investigar como o movimento surrealista em seu aspecto revolucionário. Já os objetivos específicos são: analisar os conceitos de iluminação profana e de embriaguez, e por fim, como o movimento surrealista opera com o conceito de liberdade.

**Palavras-chave:** Surrealismo, Iluminação profana, embriaguez, liberdade.

### **INTRODUÇÃO**

O presente trabalho visa abordar alguns aspectos do movimento surrealista na perspectiva do observador alemão Walter Benjamin. Neste sentido, o texto “O surrealismo. O último instantâneo da inteligência europeia” de 1929, será a fonte teórica básica para análise. O tema da pesquisa em questão é: O surrealismo na perspectiva benjaminiana. Dele deriva o seguinte problema: Qual a novidade de análise é elaborada pelo autor?

Para tal feito, faz-se necessário demonstrar que Benjamin ocupa uma posição estratégica de análise. Tanto territorial, pois ele não está situado na “fonte”, bem como

pela familiaridade com a temática da crise da inteligência europeia, isto é, para uma avaliação sagaz do movimento é fundamental relacioná-lo com a experiência histórica concreta.

Somente essa experiência permite ao crítico encontrar a questão à altura de seu objeto: não a investigação de suas “origens autênticas”, mas a busca de um papel eficaz para o intelectual, em face da exigência de transformação concreta da realidade, em suma, da revolução. (GATTI, 2009, p. 80)

Assim sendo, a dialética do movimento não deve se limitar aos seus aspectos artísticos ou poéticos, mas também ater-se às suas facetas políticas e emancipatórias. Nem tampouco, demonstrar só o lado enigmático, onírico ou ainda as influências dos psico-ativos na produção surrealista. Ao invés disto, Benjamin elabora o conceito de iluminação profana, para elucidar transformação do conceito de experiência, e situa o papel do intelectual na transformação da sociedade. A revolução.

O objetivo aqui é direcionar as energias da embriaguez para as causas revolucionárias. As experiências poéticas conquistam as ruas. Neste sentido, a liberdade ocupa um papel central para os surrealistas. Em suas duas facetas, isto é, individual e social. Tendo como teóricos fundamentais, Marx e Freud.

Trata-se de transformar o mundo e mudar a vida. Benjamin busca ver no surrealismo uma política poética, sendo essencial romper com uma postura puramente contemplativa. Os intelectuais e os artistas cumprem um papel fundamental:

...sobre a coletividade social, sobre o coletivo corpóreo. Nesse ponto, a utilização da imagem procura associar a atividade artística à intervenção eficaz na realidade... O intelectual é responsável pela elaboração de uma contra-imagem que desestabiliza a imagem ostensiva das coisas; esse é o critério de sua influência. (GATTI, 2009, p. 93)

## **BENJAMIN E AS ILUMINAÇÕES PROFANAS SURREALISTAS.**

*“A história dos sonhos ainda está pra ser escrita.”*

Walter Benjamin ao analisar o movimento surrealista situa-se em uma posição privilegiada de análise, não só pelo distanciamento físico – territorial e sim pelo distanciamento do olhar de seu tempo. Sua análise não busca “as origens autênticas” do surrealismo, um erro dos estudos elaborados pelos “eruditos” contemporâneos a ele. Nem tão pouco demonstrar com “clichês” formulados sobre os aspectos místicos,

psicológicos ou mesmos românticos deste movimento. Ao invés disto, vê a dialética do mesmo, seu caráter político e emancipatório, criando o conceito de *iluminação profana* para elucidar uma experiência histórica concreta, isto é, o local do intelectual e seu papel na transformação social, da revolução. “Mobilizar para a revolução as energias da embriaguez” (BENJAMIN, 1996, p. 33).

Na França, em 1919, o movimento desabrocha, tendo como principais intelectuais: André Breton, Robert Desnos, Paul Éluard, Louis Aragon dentre outros, superando o dadaísmo ao dar um fundamento à doutrina da liberdade. Segundo Micheli (2004), “é da passagem da negação a afirmação”, tal qual, em Nietzsche como a segunda transmutação do espírito: de leão em criança. Benjamin publica seu texto dez anos mais tarde, em 1929, no final da primeira fase do movimento. A maturidade do surrealismo já tinha sido alcançada com a publicação de *Nadja* e *O surrealismo e a pintura* de Breton, ambos de 1928, *O Manifesto* de 1924 do mesmo autor e *O camponês de Paris* (1926) de Aragon, “o movimento percorre um caminho que o leva do vanguardismo da escrita automática e da descoberta dos domínios do sonho, da imagem e do acaso objetivo, à construção de uma nova experiência que os colocará diante do compromisso com a revolução.” (GATTI, 2009, p. 82).

O seu objeto de análise são as experiências, não meras teorias ou uma discussão noumênica de um mundo férreo. Não obstante, as experiências surrealistas aqui mencionadas não se limitam àquelas do reino onírico ou às induzidas por substâncias psicoativas como o ópio e o haxixe. Esses artifícios podem ser utilizados até como propedêuticos, mas a “iluminação profana” é de inspiração materialista e antropológica.

Uma dialética da embriaguez, que pode ser encontrada tanto no amor cortês que “desemboca num mundo que confina apenas as criptas do Sagrado Coração ou com os altares de Maria, mas também a alvorada antes de uma batalha ou depois de uma vitória” (BENJAMIN, 1996, p. 25). Bem como, no amor esotérico, onde a dama não tem um papel essencial, mas sim as coisas, na surpreende relação dos objetos com a revolução, onde as mercadorias com seu caráter fetichista escravizante e escravizados, metamorfoseiam num “nihilismo revolucionário”, num “onirokitsch”.

Mas, para Benjamin, e aqui ele se distanciava dos surrealistas, o elemento de embriaguez – que “está vivo em cada ato revolucionário” – não basta. Uma autêntica “dialética da embriaguez” pressupõe, além da apropriação libertária do mundo

onírico, da constelação do sonho, o momento do “despertar”, segundo expressão por ele empregada nas *Passagens*, o qual logra interromper o destino mítico imposto pelo “reino do sonho”. Para Benjamin, “enquanto Aragon persiste no domínio do sonho, deve ser encontrada aqui a constelação do despertar (Mascaro, 2013, p.2)

“Também ali existem encruzilhadas, nas quais sinais fantasmagóricos cintilam através do tráfico; também ali se inscrevem na ordem do dia inconcebíveis analogias e acontecimentos entrecruzados.” (BENJAMIN, 1996 p. 27). Como o aparecimento de Nadja ou a própria mitologia pessoal de Breton amalgamada ao surrealismo. Para Benjamin, não é só “arte pela arte”. Não é só literatura. É *alcançar os limites extremos do possível*. “Porque em russo este é o começo da palavra esperança, e apenas o começo”. (BRETON, Nadja, 2007, p. 66).

Benjamim pretende afastar o que vê como um mal-entendido na análise do movimento, a saber, de o ver como uma “arte pela arte”. Em outras palavras, de nada vale apontar no “enigmático” o seu caráter “enigmático”. Não avançamos em nada nos pressupostos dialéticos do movimento com tais análises, apenas adentramos nos caminhos tautologia. Sendo assim, a transformação de uma postura contemplativa em revolucionária faz-se *mister*. O papel da burguesia cumpriu um papel decisivo ao opor-se de maneira ofensiva contra a liberdade individual. Fato este que, segundo o filósofo de alemão, que levou para os braços da esquerda revolucionária o movimento surrealista.

Essa concepção visa um conceito radical de liberdade que não era visto na Europa desde Bakunin. Os surrealistas liquidam o “fossilizado ideal de liberdade dos moralista e humanistas, porque sabem que a liberdade, só pode se adquirida neste mundo com mil sacrifícios”. (BENJAMIM, 1996, p. 32) Podemos notar aqui, a forte presença do anarquismo e da insurreição no surrealismo. Estamos aqui de acordo com Mario de Micheli (2004), na sua obra *Vanguardas artísticas*, que vê a liberdade como problema fundamental do surrealismo. Sendo que a liberdade se desemboca em duas vias imbricadas, são elas: a individual e a social. A revolução seria, deste modo, essencial para alcançar a definitiva “liberdade do espírito”.

Dois pensadores são essenciais no surrealismo para fundamentação da liberdade: Marx e Freud. O primeiro como teórico da libertação social e o segundo como arcabouço intelectual da liberdade individual. Nas palavras de Breton:

Proclamamos desde há muito a nossa adesão ao materialismo dialético, do qual fazemos nossas todas as teses: primado da matéria sobre o pensamento; adoção da dialética hegeliana como ciência das leis gerais do movimento, tanto do mundo exterior como do pensamento humano; concepção materialista da história... necessidade da Revolução social como resolução do antagonismo que se declara, em certa etapa do seu desenvolvimento, entre as forças produtivas materiais da sociedade e as relações de produção existente (lutas de classe). Da psicologia contemporânea, o surrealismo retém essencialmente aquilo que tende a dar uma base científica às pesquisas sobre a origem e as mudanças das imagens ideológicas. É nesse sentido que o surrealismo atribuiu uma importância particular à psicologia do processo do sonho assim como Freud a explicou. (BRETON, 2001, p. 310)

Trata-se de transformar o mundo, tal qual nos diz mais Marx e mudar a vida, como nos diz Rimbaud. Os intelectuais e os artistas cumprem um papel fundamental, pois, “o homem que lê, que pensa, que espera, que se dedica à *flânerie*, pertence do mesmo modo que o fumador de ópio, o sonhador e o ébrio, à galeria dos iluminados. E são os iluminados mais profanos” (BENJAMIN, 1996, p. 33).

Ele vê a experiência poética ocupando e conquistando as ruas, as instalações, as possibilidades, especialmente as parisienses, com suas fortalezas internas; fazendo explodir as poderosas *forças “atmosféricas” ocultas*. A lírica surrealista na sua “iluminação profana” declarando a banalidade da cidade e sua força primitiva no intuito de criar uma história (dos sonhos) que ainda não existe.

Afinal, “A beleza será convulsiva ou não será.” (BRETON, Nadja, 2007, p. 146).

## CONCLUSÃO

Como podemos observar, Walter Benjamin, busca uma tese sobre o surrealismo que rompa com a tensão superficial análises de sua época. Sua posição estratégica, isto é, fora do epicentro lhe dá uma vantagem para avaliar as “energias” do movimento. Bem como, por ser alemão, está familiarizado com a crise. Não obstante, por sua vinculação a tradição marxista do pensamento, há uma busca ver a dialética do

movimento, não só em seu âmbito poético e artístico, como também político e revolucionário.

Neste sentido, a “dialética da embriaguês” e o a “iluminação profana” são os conceitos fundamentais para os novos horizontes de experimentação do surrealismo. Essa busca pela liberdade não se limita ao solipsismo, ela é uma busca social e individual, para transformar o mundo e mudar a vida.

Só assim, poderemos submergir do reino onírico e da escrita automática, para o despertar de uma “iluminação profana.”

## REFERÊNCIAS

ARTEFILOSOFIA N.06, Ouro Preto, Tessitura, 2009.

BENJAMIN, W., *Obras escolhidas I. Magia e técnica, arte e política*. São Paulo, Brasiliense, 1996.

BRETON, André. *Manifestos do surrealismo*. Rio de Janeiro: Nau, 2001.

\_\_\_\_\_, André. “*Posição Política do Surrealismo*”. IN: *Manifestos do Surrealismo*. Rio de Janeiro: Nau editora, 2001.

\_\_\_\_\_, A. *Nadja*. Trad. Ivo Barroso. São Paulo: Cosac & Naify. 2007.

GATTI, Luciano. *Walter Benjamin e o Surrealismo: escrita e iluminação profana*. In: *Arte e Filosofia N.06*, Ouro preto, Tessitura, 2009.

Mascaro, F., *O espectro de Walter Benjamin*, IN: *Caros amigos*, 2013. São Paulo. Disponível em: <http://www.carosamigos.com.br/index.php/artigos-e-debates/3491-o-espectro-de-walter-benjamin>. Data de acesso: 29/09/2014.